



## **Minisséries Históricas: dispositivos midiáticos mediadores entre fatos e personalidades históricas e a sociedade contemporânea<sup>1</sup>**

Michelli Machado<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

### **Resumo**

O presente texto busca fazer algumas considerações sobre as releituras midiáticas da história, propostas por minisséries apresentadas pela Rede Globo, como dispositivos de midiatização mediadores entre o histórico e o contemporâneo. A partir de uma observação da minissérie “O Quinto dos Infernos”, buscaremos perceber como ocorre a construção de séries de ficção baseadas em realidades históricas. Autores como Umberto Eco, Adayr Tesche e Jesús Martín-Barbero foram alguns dos referenciais teóricos basilares, para a feitura deste artigo.

### **Palavras-chave**

Minisséries; História; Mediação; Midiatização; Televisão

### **Introdução**

Todas as vezes que pensamos nas personagens marcantes de nossa história e na construção do Brasil, através das épocas, estamos, de certa forma, revivendo acontecimentos e dando uma nova interpretação a esses fatos. Ao estudar as maneiras de contar a história, através de releituras televisivas a partir de minisséries históricas, abrimos uma “porta” para o passado e começamos a enxergar com, outros olhos, os fatos históricos e as importantes personalidades que marcaram a época.

Quando pensamos a história nacional, percebemos que ela poderia ser narrada de forma mais interessante do que os relatos dos livros didáticos. Certamente as personalidades históricas existiram como “seres completos” e não apenas como alguém que viveu somente no momento em que libertou povos ou dirigiu nações. Está certo que são fatos específicos que fazem de pessoas comuns “heróis” ou “vilões” da história. Mas saber o que veio antes e depois é importante, para entendermos os acontecimentos e conhecermos melhor quem são as personalidades que “foram parar” nos nossos livros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atualmente doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: [michelli\\_machado@yahoo.com.br](mailto:michelli_machado@yahoo.com.br)



da escola, bem como para compreender quem somos, como povo, como nação, que resulta dos acontecimentos históricos.

Às vezes, pensamos que o que torna uma história boa ou ruim, interessante ou não é mais a forma com que é narrada do que a própria história. Sob esse aspecto, uma excelente contadora de histórias é a televisão. Com seu jogo de imagens e cenas, ela permite visualizar personagens e cenários de uma época sem precisar sair de casa. Talvez por causa da magia e da facilidade de acesso oferecida por esse veículo de comunicação, a televisão acabou se transformando no meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros.

As programações televisivas estão cada vez mais diversificadas, a representação midiática de acontecimentos históricos, em minisséries tem sido um recurso cada vez mais utilizado pela televisão<sup>3</sup>. Nesse sentido, figuras e acontecimentos que mostravam-se distantes de uma existência concreta, passam a fazer parte de nossas vidas através das séries de ficção.

As releituras midiáticas de acontecimentos históricos colocam a história nacional como base para as tramas das minisséries. Com isso, fatos e personalidades são representados nessas obras, a partir da visão contemporânea dos autores. Através da representação de personalidades e acontecimentos históricos, as obras de ficção televisiva, apropriam-se de textos literários históricos, ao mesmo tempo em que há uma ruptura com o texto original, no processo de criação das minisséries. Essa releitura da história, suscitada pela mídia, possibilita uma mistura entre ficção e realidade, falando sobre fatos históricos para o mundo contemporâneo, através de um meio de comunicação, que ainda encanta os receptores, como a televisão.

### **Considerações sobre as releituras midiáticas da história**

As minisséries históricas constituem-se a partir de diversas dimensões, a serem consideradas. Em uma primeira instância, elas são produções envolvidas em processos comunicacionais. Assim, enquanto comunicação, elas buscam comunicar uma história, um acontecimento, um fato para sociedade. Além disso, são produções televisivas, estão ligadas à televisão, que é o grande veículo comunicacional do século XX e deste início de século XXI. Isso também significa algumas especificidades.

---

<sup>3</sup> A Rede Globo produziu sua primeira minissérie em abril de 1982. Desde então, foram 63 obras, destas 1/3 são releituras históricas. (REIMÃO, 2004; DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).



Em um mundo saturado de novidades, vindas de todas as partes do globo, graças à tecnologia, cada vez mais o histórico se dissolve como fumaça, diante de tantos novos acontecimentos. Se, por um lado, os jovens têm cada vez menos paciência de aprender história pelos livros, por outro a mídia vem gradativamente ampliando a oferta de produtos pautados por acontecimentos históricos. Programas televisivos de ficção estão surgindo como uma alternativa para trazer à tona fatos importantes da história do Brasil, que, muitas vezes, são pouco conhecidos. São releituras midiáticas, que mesclam registros históricos e recursos folhetinescos<sup>4</sup> da narrativa. Assim, desencadeia-se uma reinvenção das narrativas e, por consequência, observamos os reflexos na significação coletiva de personalidades e acontecimentos históricos.

Se olharmos as obras de ficção históricas, veremos que são narrativas de fatos históricos, no presente, a partir de uma visão contemporânea dos acontecimentos. Com uma linguagem atual, somos levados pela obra até as causas, uma vez que já conhecemos as consequências dos fatos ali narrados. O diferencial das minisséries é o estilo de suas narrativas. Não há uma preocupação estéril em repetir datas e nomes, no intuito de fazer os receptores decorarem o que está sendo dito. As minisséries trazem muita informação, mas fazem isso na lógica da trama narrativa de entretenimento. Assim, são relatos mais “soltos”, escritos com a intenção de cativar os receptores, através de histórias mais completas, através de histórias de vidas.

Nos últimos anos, foram muitas as minisséries da Rede Globo que trataram de temas históricos, sendo que tem crescido<sup>5</sup>, atualmente, o número de produções televisivas desse gênero. Mas, até que ponto esses dispositivos de ficção televisiva interferem na visão que temos da história? Que elementos influenciam na construção dessas releituras? Como acontece a mediação entre ficção e realidade, histórico e atual?

Devido à hegemonia comunicacional exercida pela Rede Globo<sup>6</sup>, a maioria dos lares têm suas telinhas ligadas na emissora. Na programação da TV, existem séries de ficção curtas, intituladas minisséries, por serem bem menores do que as novelas. Essas

---

<sup>4</sup> O termo folhetim designa uma forma de narrativa inventada pelo Romantismo Francês, paralelamente à criação do romance romântico, o “grande romance realista” como querem alguns. Uma forma específica de narrar, articulada com uma forma específica de publicar, num veículo específico: o jornal. Em outras palavras, uma ficção narrativa em prosa, publicada aos pedaços, no jornal cotidiano. (MEYER, 1982, p.8)

<sup>5</sup> Das 21 minisséries baseadas em fatos e figuras históricas, 10 foram exibidas depois de 1999. O ano de 1999 marcou uma mudança, na época de exibição das obras, que passam ter seus primeiros capítulos exibidos em janeiro (período de férias escolares). (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).

<sup>6</sup> Essa hegemonia se evidencia a partir do momento em que a Rede Globo é o canal aberto como o maior índice de audiência. Além disso, o Grupo Globo tem parceria com canais de TV por assinatura, através da GLOBO SAT. Entre eles, Futura, GNT, Multishow, Globo News e Canal Brasil. Sem falar nos outros meios de comunicação, como rádios, jornais, revistas e sites, que estão vinculados à emissora.



minisséries, em grande parte, são produzidas a partir de fatos históricos. Nesses casos, os acontecimentos e as personalidades históricas são a “coluna vertebral” das obras, que são preenchidas por conflitos ficcionais, criados de diferentes maneiras, a partir de pesquisas e do estilo de cada autor. Muitos autores fazem esse tipo de trabalho, e muitos temas já foram abordados, desde que a emissora começou a veicular este tipo de série de ficção.

O gênero de minisséries históricas iniciou em 1982, com *Lampião e Maria Bonita*. Coincidentemente, esta não foi só a primeira obra histórica, mas também a primeira neste formato, lançada pela Rede Globo. De 1982 para cá, muitas minisséries foram exibidas, com diferentes temas, número de capítulos e enredos. Desse total, pelo menos 21 obras podem ser consideradas históricas, pois seu desenvolvimento se dá a partir de um acontecimento importante da história. Algumas foram baseadas em um determinado período; outras enfocaram uma figura de destaque na história nacional.

O sucesso das minisséries históricas é tão grande que *A Casa das Sete Mulheres* – que conta a história da Guerra dos Farrapos – veiculada em 2003, pela Rede Globo, foi rerepresentada em 2006 pela emissora, devido ao alto índice de audiência. O mesmo ocorreu com a minissérie *O Quinto dos Infernos* – que relata a chegada da família real ao Rio de Janeiro e a Independência do país. Veiculada em 2002, pela Rede Globo, a obra foi rerepresentada em 2005 no Canal Multishow, ligado à emissora. Além disso, a mesma rede de TV, que também é dona do Canal Futura, tem um programa intitulado *Faixa Comentada*, que reapresenta e comenta minisséries históricas. As últimas obras apresentadas pelo programa foram *A Invenção do Brasil*, *A Muralha* e *Chiquinha Gonzaga*. Nesse programa, que vai ao ar de segunda a sexta-feira às 21h30, historiadores, autores, diretores e o próprio elenco da história comentam como ocorre a reconstrução de uma realidade, a partir da história com mesclas de ficção. *Faixa Comentada* reexibe minisséries de dramaturgia e amplia a abordagem da ficção, tratando de questões relativas à produção de TV - preparação de atores, construção da narrativa e de personagens, figurino, cenografia, fotografia, curiosidades de produção, etc - assim como também temas históricos, literários ou de comportamento, através de entrevistas com profissionais e especialistas.

Ao analisar uma minissérie histórica, estamos repensando um período, a partir da narrativa de uma releitura midiática da história. A tese que estamos construindo buscará ser uma matriz, de tal forma que possa contribuir para a análise e o entendimento de



obras de ficção, baseadas em fatos históricos. No entanto, para fins de delimitação do universo de pesquisa, optamos pelo estudo de caso da minissérie *O Quinto dos Infernos*.

### **Um olhar sobre *O Quinto dos Infernos***

A minissérie *O Quinto dos Infernos* foi produzida entre 2001 e 2002. A obra retrata a história do Brasil, do casamento de D. João VI e D. Carlota Joaquina, passando pela invasão de Portugal pelos franceses, a chegada da família real ao Rio de Janeiro, a coroação de D. João, o dia do Fico, a Independência do Brasil e a abdicação do trono, até a morte de D. Pedro I, em 1834. O século XIX e suas transformações são retratados pela minissérie, numa mistura envolvente de humor, intriga e malícia. Os assuntos abordados pela trama são populares, como seduções, adultérios, violência, política.

Realismo e imaginação são ingredientes revelados nessa forma de contar a história do Império Brasileiro. O autor Carlos Lombardi e o diretor Wolf Maia propõem uma releitura da história e do Brasil, a partir das cenas apresentadas em *O Quinto dos Infernos*.

A minissérie foi exibida de 08 de janeiro a 29 de março de 2002 e contou com 48 capítulos, para recontar esse pedaço da história do Brasil. Sua exibição aconteceu de terça a sexta-feira, a partir das 22 horas e 30 minutos. A reconstrução de uma época pode encantar aos telespectadores, uma vez que possibilita a sensação de se ter vivido outra vida, outro tempo. Também explica porque somos assim, neste nosso tempo, ainda mais nesses tempos pós-modernos, em que há um “esvaziamento do sujeito”. Isso reafirma a necessidade de saber quem somos, já que tudo é imediato e parece ter perdido os vínculos com a história.

Através do trabalho de cenografia e figurino, é possível conhecer lugares e períodos que, antes, poderiam apenas ser imaginados. Se, por um lado, ao recebermos a construção pronta destes locais e figuras históricas, através do recurso audiovisual que a televisão possui estamos tendo nossa imaginação tolhida, por outro criamos a possibilidade de uma visualização que, em tese, é mais próxima da realidade, uma vez que, no processo de produção de uma obra televisiva baseada na história, é feito um trabalho de pesquisa, que busca ser o mais fiel possível à época representada. Essa busca por uma representação muito próxima da realidade acontece graças ao trabalho da equipe de produtores da trama. Historiadores, cenógrafos e figurinistas mobilizam-se, na tentativa de recriar uma realidade. O elenco é escolhido com base em características



ou retratos das personagens. Há um cuidado com detalhes, pautado pela busca de verossimilhança, para que pareça real.

Provavelmente, nossas imaginações poderiam construir lugares mais bonitos, paisagens bucólicas de natureza intocada, ignorando as dificuldades reais da uma época sem saneamento básico. Por outro lado, talvez, os príncipes de nosso imaginário tivessem mais identificação com as gravuras dos livros do que com a construção heróica dos príncipes encantados. No entanto, ao lermos uma obra, não buscamos, através de estudos, encontrar o que seria mais provável para época, mas nos deixamos levar e criamos figuras que mesclam as descrições dos livros com a nossa vivência.

### **Panorama Teórico**

Para abrir essa discussão teórica, começaremos pela narratologia, um campo de estudos muito utilizado para a dramaturgia e o roteiro de audiovisual, como é o caso das minisséries. Para pensarmos as minisséries, serão utilizados os conceitos de autor e leitor, com base em Umberto Eco, para compreender a intervenção deles, no entendimento do público. Para Eco (1994, p. 14), o “leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico”. Ele explica que esse leitor pode ler de diversas formas, e por isso, faz do texto um local de desenvolvimento de sua subjetividade.

O autor considera o texto como “[...] uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” (ECO, 1979, p. 35), ou seja, o leitor possui a função de atualizar o não-dito, através de movimentos cooperativos e conscientes. Eco acredita que o texto possui espaços em branco propositais, que necessitam ser preenchidos pelo leitor. O leitor-modelo de Eco nasce com o texto e faz parte da estratégia de interpretação.

No que se refere à minissérie *O Quinto dos Infernos*, notamos que o universo de “leitores-modelos” se estende à audiência televisiva e abrange todo o território nacional, mesclando diferentes identidades e subjetividades. A linguagem televisiva busca representar a realidade de forma verossímil, simulando a verdade, através dos cenários e dos detalhes na reconstrução do tempo em que se passou a história.

Os estudos da televisão que marcaram profundamente o século XX, também apresentam índices da importância da construção das narrativas. Muitos foram os autores que ousaram construir teorias sobre o assunto. No entanto, como a intenção deste artigo é tentar entender as releituras da história a partir de obras de ficção



televisiva que construam suas narrativas ficcionais a partir de uma realidade histórica, optamos por autores que enfoquem mais especificamente obras de ficção seriada.

Sandra Reimão (2004), em sua obra *Livros e televisão: correlações*, traça um paralelo entre ficção e literatura, estudando as novelas que se transformaram em livros e as obras literárias que foram adaptadas para televisão, em forma de telenovelas. Aqui buscamos entender as correlações entre as personalidades e acontecimentos históricos, representados nas releituras televisivas e a interferência desta realidade na percepção da história. No entanto, o literário também se mostra presente, uma vez que os autores das releituras televisivas da história baseiam-se em um ou mais livros escritos sobre o tema.

Marcos Napolitano (2005, p.236) afirma que “Todas as imagens e sons obtidos pelo registro técnico do real criam um efeito de realidade imediato sobre o observador.” Sob esta visão, é importante pensarmos a televisão como mediadora entre o passado e o presente, ao recontar a história, para entendermos como o universo televisivo cria um efeito de realidade ao construir suas narrativas.

“Os efeitos de realidade, de tempo real e de horizonte são as fascinantes características dos mundos televisivos” (KILPP, 2006, p.141). Segundo a pesquisadora Suzana Kilpp, o debate sobre acontecimento, memória e história passa hoje necessariamente por uma discussão sobre a televisão e sobre os mundos que instaura seus panoramas. Segundo esta perspectiva, a maior ou a menor centralidade que damos à televisão em nossas vidas age sobre as expectativas que temos em relação a estes panoramas.

Para muitos brasileiros, a televisão aparece como baluarte da memória nacional, nos termos em que ela mesma enuncia para um conjunto de imagens, as quais podemos localizar nos jornais, nos documentários, nas novelas, nas séries, nos shows de artistas brasileiros, nos programas de entrevistas com personalidades brasileiras, nos programas de auditório, etc. (KILPP, 2006, p.145).

Partindo desta afirmação é possível perceber como a identidade nacional é influenciada pela televisão, principalmente quando esta serve de memória para os telespectadores e se propõe a recontar acontecimentos históricos.

As minisséries televisivas, através da construção dos mundos possíveis, seduzem os telespectadores, produzindo ilusão. Isso faz com que, segundo Adayr Tesche (2006), por um instante, acreditemos ter vivido outra vida, numa milagrosa ampliação da nossa experiência. Ou seja, a minissérie televisiva histórica incorpora uma realidade identificável e a submete a uma remodelação imprevisível. Segundo o pesquisador, é





por isso que história e ficção estão baseadas numa reversão da relação causa-efeito. Voltamos no tempo para achar suas causas, uma vez que já conhecemos o seu efeito. “O fascínio da ficção seriada televisiva decorre de sua capacidade de oferecer ao telespectador o preenchimento dos vazios da história, construindo aí mundos possíveis” (TESCHE, 2006, p.07).

Os textos de ficção televisiva propõem um ‘embaralhamento’ entre a realidade e a ficção. As minisséries trazem ao público fatos históricos com conflitos ficcionais. Enquanto os livros são construídos a partir do que há em documentos históricos (real), as obras ficcionais são o que “eu” pressuponho, ou seja, a história que a história não conta. A televisão se ocupa de contar essa história, já que possui um lugar estratégico nas dinâmicas culturais. Devido a isto as narrativas televisivas - com suas imagens, sons, movimentos - influenciam diretamente nos imaginários e nas construções de identidades. Ao trabalhar com narrativas, a televisão usa fragmentos de verdade, recortes e colagens, tornando quase imperceptível a fronteira entre ficção e realidade ou passado e presente.

Diante do telespectador, descortinam-se hipóteses de como teriam se configurado alguns dos aspectos mais recônditos da vida íntima dos personagens, atualmente, um dos campos de maior interesse para a história social. Ao reconstituir a vida privada, a narrativa televisiva esboça uma resposta ao desafio de compreender como e porque foram tomadas determinadas decisões significativas para o futuro político, econômico e cultural do país. A minissérie especula sobre como momentos críticos do passado foram vivenciados e como teriam se constituído as forças que moveram a História. (TESCHE, 2006, p.02)

Este descortinar da intimidade dos personagens históricos, através das minisséries, ainda que de forma fictícia, desperta o interesse do telespectador, como sugere o autor. As obras de ficção, baseadas na história, revelam estruturas sociais de uma determinada época ou lugar. Através da verossimilhança, são recriados acontecimentos cotidianos com aparência de realidade efetiva, ou seja, cria-se um mundo paralelo ao real, um mundo alternativo. Estes mundos ficcionais, criados através das narrativas seriadas televisivas, podem ser entendidos como mundos possíveis.

Na obra *A antropológica do espelho*, o espelho é entendido, segundo Muniz Sodré (2001), como um espaço que gera uma perda momentânea de identidade, uma alucinação lúcida. A partir de uma realidade virtual, há a produção de um outro mundo, que parece dar vida ao espelho. Podemos tentar pensar essa afinação aplicada às





releituras da história propostas pelas minisséries. Para essas narrativas televisivas, o “espelho” são as representações dos fatos e das personalidades históricas para a sociedade contemporânea. Ou seja, através da ficcionalização há uma “perda” de elementos históricos, a partir da construção de uma nova versão dos fatos.

Em *A estética do filme*, Jacques Aumont (2002) desvenda um pouco dos bastidores que formam a construção de uma obra cinematográfica. Muitas das revelações também se enquadram à televisão e as minisséries. Segundo Aumont, a impressão de analogia com o espaço real produzida pela imagem fílmica é tão grande que nos faz esquecer que além do quadro que se vê não há mais imagem. Como uma janela quando revela um fragmento do mundo imaginário. O campo é visível o fora do campo não é (bastidores, personagens, cenários). A soma do campo mais fora do campo é que forma o espaço fílmico. As fronteiras da narratividade, assim como as da representatividade muitas vezes, são difíceis de traçar, há uma confusão entre espaço fílmico e real. Nas minisséries esse conflito é mais forte, devido ao convívio diário entre o telespectador e a obra.

A série de ficção, segundo Mattelart (1989), precisa ser considerada como a interface das estratégias de valorização do capital nas indústrias culturais e da memória coletiva das formas de narrativa. Os autores citam a frase do diretor Marcel Blurval “A série é caso para contador de histórias” (MATTELART, 1989, p.178) como o cerne do debate. As releituras midiáticas da história produzidas pela televisão têm uma narrativa diferente da histórica, uma forma de narrar sem preocupação excessiva com datas e nomes, mas um relato mais solto, contanto histórias...

Nesse horizonte desenha-se um outro paradigma, segundo Mattelart: o do reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria por parte das percepções deste indivíduo. A subjetividade de interpretação de cada um entende a comunicação como um processo dialógico onde a verdade, que não será mais única, nasce da subjetividade.

“Contra o herói da teoria, contra o herói da produção, contra o herói da história, lança-se o *status* do homem sem qualidade” (MATTELART, 1989, p.201). As minisséries constroem em suas representações da história personagens mais humanos do que, normalmente, os apresentados pelos livros históricos. Já não são mais heróis, mas homens sem qualidades, como fala Mattelart. Em *O Quinto dos Infernos*, D. Pedro I é representado, como um anti-herói, no entanto, paradoxalmente, suas características negativas não desfazem a simpatia da personagem, que pode ser entendida como encantadora em seus valores éticos e na representação de seu amor pelo Brasil.



Outro campo de pesquisa que problematiza essa discussão são os Estudos Culturais, que geralmente abordam os conceitos sob uma perspectiva político-econômica. Os pressupostos fundamentais desses estudos são a análise da ação da mídia, atentando sobre as estruturas sociais e o contexto histórico como fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios. Ocorre, nesta teoria, um deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas.

Estruturando a reflexão proposta por este artigo, Jesús Martín-Barbero (2003) é uma importante referência teórica. O autor trabalha com identidades, mediação e cultura, e fala sobre os “pedaços” que formam uma nação. A história de um país é um desses “pedaços”, ainda mais se retratada através de um dispositivo de mediação entre histórico e atual, como as séries de ficção televisivas. O cotidiano vivido pelas personagens, nas obras de ficção, retratam as especificidades de um sujeito, de uma comunidade, de uma cultura, de uma época, mostrando a partir do texto televisivo como se constituiu a história do país. No entanto, embora se conte um fato passado, as releituras usam de linguagem e técnicas contemporâneas, o que aproxima o público da história que está sendo recontada.

Quando falamos de obras seriadas televisivas, reproduzidas por meios audiovisuais, as alterações não devem ser entendidas como uma perda, mas uma forma diferenciada de perceber o mundo. Nesse sentido, as minisséries, que misturam história e ficção, acontecimentos históricos e contemporâneos, são produtos de mediação. Mediação é o termo dialético, que, segundo Martín-Barbero, pode ser utilizado para o estabelecimento de relações entre a análise formal de uma obra de arte e uma visão mais alternativa e popular sobre a mesma.

Pela mediação são estabelecidas as identidades simbólicas como um processo em que cada nível desdobra-se no seguinte, perdendo, assim, sua autonomia constitutiva e funcionando como expressão de seus homólogos. É uma operação compreendida como um processo de transcodificação: como a invenção de um conjunto de termos ou a escolha estratégica de um código ou linguagem específica. A análise das mediações tem por objetivo demonstrar o que não é evidente nas aparências das coisas, mas que se encontra em sua realidade subjacente.

[...] há uma mudança no padrão do herói biográfico. No início do século, as publicações privilegiam a vida dos políticos e dos grandes homens de negócios. O herói exaltado era o homem de ação, que o autor chama de ‘ídolo de produção’ [...]. Pouco a pouco o homem-



ação cede lugar aos ídolos de entretenimento (esportistas, artistas, etc.) que estimulam no leitor não mais uma tendência à realização de uma vontade, política ou empresarial, mas o conformismo às normas da sociedade (ORTIZ, 1988, p.150).

Renato Ortiz (1988) afirma que, com o passar do tempo, há uma mudança no perfil do herói biográfico, que desperta o interesse do leitor. No entanto, ao falarmos de obras de ficção televisivas que retratam a biografia de personagens históricos, estamos contemplando dois tipos de “heróis”. Em primeiro lugar, o homem de ação (ídolo de produção), mencionado por Ortiz; em seguida, o ídolo de entretenimento, uma vez que as minisséries relatam a vida de importantes personalidades e líderes políticos, que são vividos por atores (ídolos de entretenimento). Essa fórmula une os dois tipos de heróis citados pelo autor, despertando o interesse dos telespectadores, uma vez que estes têm a possibilidade de reviver fatos históricos de forma mais interessante e ilustrada, ao mesmo tempo em que vêem seus “ídolos” representando tais personagens.

Ortiz também fala da transformação da própria concepção de cultura. Na verdade, quando buscamos entender a construção de uma obra televisiva, precisamos também levar em conta o ambiente cultural no qual a história se passa, ainda mais quando estamos falando de fatos reais. O cenário histórico cultural da época revela muito sobre como aconteceu a construção da nacionalidade, que, segundo o autor, não existe ainda em sua totalidade, mas que pretende se consolidar como realidade histórica. Ou seja, neste sentido pode-se dizer que a cultura popular é um elemento simbólico que constitui a identidade nacional.

### **Comentários finais**

Somos um povo sem memória! A frase é velha, mas seu sentido continua atual. O Brasil é um país que conhece pouco a sua história, que não valoriza seus heróis, que não preserva sua cultura. Esse desconhecimento do que é nosso acarreta numa identidade nacional incompleta. Reconhecemo-nos mais pelo olhar do outro do que pelo nosso próprio olhar. Nossa cultura tem um passado, uma origem. Se estudar as séries de ficção pode nos ajudar no nosso reconhecimento como nação, precisamos prestar mais atenção nesses folhetins.

Na verdade, as minisséries são releituras contemporâneas da história. Ninguém sabe realmente como ocorreu a “verdadeira” história, uma vez que os documentos e livros também são relatos, a partir da visão de alguém. As minisséries, por se tratarem



de obras de ficção, não têm um compromisso com a verdade, em todos os sentidos, no entanto, ao terem como base um fato histórico, alguns limites precisam ser respeitados.

Há um aspecto a partir do qual as séries históricas distanciam-se de outras obras de ficção, como novelas ou outros seriados, sem maiores compromissos com o real: o final. As obras que têm a história como centro de suas narrativas são obras fechadas e, nesse sentido, seus autores não têm o poder de alterar a história. Não podem matar o bandido, salvar o mocinho ou interferir na escolha amorosa da heroína. A história já está escrita e o desfecho também já foi, de algum modo, publicado. Resta apenas, portanto, reinventar o modo de contar e, fazendo isso, despertar o interesse pelos acontecimentos e personalidades históricas.

Na era do DVD, a representação histórica através de produtos midiáticos, disponibilizados para os telespectadores, deve ser vista com mais interesse, uma vez que, estas minisséries podem servir de dispositivos de diálogo entre a sociedade e a história, através da televisão.

### Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. 2ªed. Papiros: São Paulo, 2002.
- ECO, Umberto. *Lector em Fábula*. São Paulo: editora Perspectiva, 1979.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FIUZA, Sílvia Regina de Almeida. (Coord) *Dicionário da TV Globo*. V1: Progrmas de dramaturgia e entretenimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- KILPP, Suzana. *Ethiçidades televisivas*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- MARTÍN-BARBERO. *Dos meios as mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª edição, 2003.
- MATTELART, Armand ; MATTELART, Michele. *O carnaval das imagens. Ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MEYER, Marlise. Folhetim para almanaque ou rocambole, a ilíada de realejo. In *Almanaque Modos Menores de Ficção*. n. 14, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINKS, Carla. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- REIMÃO, Sandra. *Livros e Televisão: correlações*. São Paulo: Cotia, 2004.
- SODRÉ, Muniz. *A antropológica do Espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Vozes, 2001.
- TESCHE, Adayr. *A midiaticização da história nas minisséries da Globo*. In: Unirevista, vol.1, nº 3, ALAIC, São Leopoldo, 2006.